

## INTERFACES DELEUZIANAS ENTRE A MEMÓRIA INVOLUNTÁRIA EM PROUST E A LEMBRANÇA PURA EM BERGSON

*Deleuzian interfaces between involuntary memory in Proust and the pure remembrance in Bergson*

Maria Fernanda Novo dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto procura apresentar possíveis conexões entre os temas da memória involuntária em Proust tal como apresentada na leitura de Deleuze e o conceito de lembrança pura de Bergson a partir de *Matéria e Memória*. O tema do involuntário sustentará a aproximação entre os dois filósofos e o literato na medida em que tanto memória involuntária como lembrança pura representam a abertura para realização de uma memória que se distancia do associacionismo.

**Palavras-chaves:** Deleuze, Proust, Bergson, memória involuntária, lembrança-pura.

**Abstract:** This paper aims to present possible connections between the topics of involuntary memory in Proust such as it is presented by Deleuze's reading and Bergson's concept of pure remembrance in *Matter and Memory*. The topic of involuntary will hold the connection of two philosophers and the literate inasmuch both involuntary memory and pure remembrance represent the opening to the realization of a memory that distance itself of associationism.

**Keywords:** Deleuze, Proust, Bergson, involuntary memory, pure remembrance.

### Introdução

Quando exposta a estímulos sensíveis de toda ordem, a funcionalidade regular dos sistemas sensoriais-motores fica sujeita a reações inesperadas. Esta pode ser uma das definições de involuntário atribuída à fisiologia. Sob essa perspectiva todos os sentidos estão sujeitos a reações involuntárias, já que nem todas as reações aos estímulos sensíveis estão catalogadas no que a percepção pode reconhecer. Outras definições também podem ser atribuídas ao involuntário em especial àquela presente nas artes sob o designo de inspiração, como se o que desencadeasse um processo criador fosse um ato *ex nihilo*, fora do corpo e do pensamento. Existe ainda o domínio da filosofia<sup>2</sup> onde o involuntário deve ser sempre submisso à imperiosa vontade da razão. Sua definição é muitas vezes ligada a um sentido negativo, pois sua afirmação pode ser o resultado da contradição. Em outras

---

<sup>1</sup> Mestranda em filosofia pela Unicamp. Desenvolve pesquisa acerca das filosofias de Bergson e Deleuze com sob orientação de Luiz Orlandi.

<sup>2</sup> Cf. *Entre sonho e vigília, quem sou eu?*, posfácio de *No Caminho de Swann* em que para Jeanne-Marie Gagnebin a meditação de Descartes forja uma espécie de hegemonia do voluntário, o que permite o filósofo concentra-se no exercício da reta razão. Diferente da postura de Proust pra quem o involuntário teria o mesmo peso e medida do voluntário cartesiano. Cf. op. cit pp.540-541.

palavras, para certas filosofias o involuntário é algo do qual a razão deve sempre combater. Interessados pelo tema filosófico do involuntário este texto será guiado pela hipótese sobre o que poderia aproximar a memória involuntária de *Em Busca do Tempo Perdido* e a conceituação de lembrança pura que Bergson desenvolve em *Matéria e Memória*<sup>3</sup>, uma vez reconhecido o trato filosófico de Proust oferecido pela leitura de *Proust e os Signos* de Deleuze.

Em Proust, o famoso episódio do chá de tília com *madelaine* é notório por sua vivacidade e intensidade da escrita. Mas, a força da cena parece residir no que a excede de seu circunspecto literário. Aliás, tudo *Em busca do tempo perdido* parece transbordar das fronteiras de qualquer definição literária, filosófica, psicanalítica, política ou de costumes; nem mesmo seu autor conseguiu defini-la como um romance (Cf. GAGNEBIN, 2006, p. 541). Com efeito, mesmo considerando a prodigiosidade do escritor, o que poderia ser uma mera descrição de um efeito mnemônico pode se tornar uma das muitas chaves de acesso ao pensamento proustiano que parece ser comovido pela imprevisibilidade oferecida pela memória involuntária. Deleuze verá em *Em Busca* um privilégio do acaso diante do que o filósofo chama de encontros dos signos. A esses encontros subsiste a construção de um imenso plano cujas variáveis dos tipos de signos identificados (Cf. DELEUZE, 1964, pp. 9-22 [tr. pp.3-14]) (da arte, do amor, mundanos e da memória) coloca a retumbante arte proustiana - ela mesma um signo - em movimento no tempo, de uma só vez singularmente proustiano e multiplamente filosófico<sup>4</sup>.

Em *Proust e os Signos*, Deleuze oferece uma chave de leitura de *Em Busca* que faz dos signos e de seus movimentos intencionais ou involuntários uma produção interminável de encontros e decifração. Os signos e sua constante mobilidade são responsáveis pelo o que, para Deleuze, permite e aproximação de Proust não apenas com a história da literatura, mas também com a história do pensamento (DELEUZE, Gilles, 1964, pp. 23-35 [tr. pp. 15-25]). Isto porque o trabalho de decifração dos signos revela uma verdade que não pode ter sido sugerida pelo método de organização das ideias, corrente numa certa tradição filosófica. Da dialética à meditação<sup>5</sup> a filosofia parece correr atrás de uma verdade que não pode falar por si, mas que é sempre assessorada por um método. O filósofo clássico 'do tipo racionalista' dependeria de "uma boa vontade do pensar, toda sua pesquisa, ele funda sobre uma 'decisão premeditada'" (DELEUZE, Gilles, 1964, p. 115 [tr. p.93]). Ou, de outro modo, Deleuze reconhece em Proust uma imagem do pensamento que se distancia da filosofia clássica racionalista para avançar sobre uma proposição de encontro com a verdade revelada, por sua vez, a partir da chave dos encontros dos signos. Sem lançar mão de nenhum pressuposto, a verdade oferecida a partir dos deciframentos dos signos desestabiliza a relação do pensamento com a boa vontade do pensador, e ao mesmo tempo expõe o pensamento ao fortuito encontro dos signos que o força a pensar (DELEUZE, Gilles, 1964, p. 116 [tr. 94]). Trata-se, para nós, de acompanhar a contundente hipótese de Deleuze que faz do "grande tema do Tempo reencontrado ser tão somente: a busca da verdade [como] a aventura própria do involuntário" (DELEUZE, Gilles, 1964, p 116 [tr 94]). Em última análise, conduziremos este estudo pelas seguintes questões: o 'espetáculo' da *madelaine* reconhecera na memória uma espécie de ordenador dos lances, saltos e deslocamentos do involuntário? E partindo desta ideia, seria a

<sup>3</sup> BERGSON, Henri. *Matéria et Memoire*. Paris: PUF 1939. Tr. Paulo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

<sup>4</sup> Sobre as diversos dimensões temporais do romance proustiano e as ressonâncias encontradas na filosofia bergsoniana cf LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Bergson, Proust tensões do tempo* in *Tempo e História*. (org. Adauto Novais). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>5</sup> Este termo faz referência à proposição de Jeanne-Marie Gagnebin sobre o estatuto da medição em Descartes e Proust. Cf. GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Entre sonho e vigília: quem sou eu?* in *No caminho de Swann*. São Paulo: Globo, 2006.

lembrança pura a porção bergsoniana capaz de reforçar a ‘autoridade’ da memória, não mais como resultado de uma faculdade psicofisiológica, quando se trata de compreender o involuntário?

### 1. A memória involuntária em *Proust e os Signos*

Para Deleuze os signos da memória são decisivos para a compreensão da obra proustiana especialmente compreendidos nesta passagem:

“Os signos sensíveis que se explicam pela memória formam na verdade um ‘começo de arte’, eles nos põem no ‘caminho da arte’[...] Mas se as reminiscências são integradas na arte como partes constitutivas, é na medida em que são elementos condutores, elementos que conduzem o leitor à compreensão da obra e do artista” (DELEUZE, Gilles, 1964, p. 69 [tr. p. 55]).

Mesmo que não guardem a mesma intensidade dos signos da arte, cujo encontro tem o poder de nos colocar de chofre no tempo, os signos da memória ganham importância na medida em que favorecem a transitoriedade entre as extensões da sensibilidade e o que há de intenso na memória. Ou seja, os signos da memória representam o primeiro acesso às questões próprias da vida do herói narrador, antes mesmo que ele seja escritor e antes que crie sua arte.

Os signos da memória são apresentados por Deleuze a partir da íntima união entre o fenômeno da reminiscência e os efeitos do associacionismo. As reminiscências seriam conduzidas, mas não limitadas, por um mecanismo associativo que opera a partir do reconhecimento entre uma sensação presente e uma sensação passada. Existiria deste modo a contiguidade da sensação passada com a experiência atual, ressuscitada pelos efeitos da sensação presente. O associacionismo psicológico não será simplesmente descartado, dirá Deleuze, ao contrário, será importante para Proust tanto quanto a reminiscência. Contudo, a memória involuntária escapa à compreensão tanto de um como do outro mecanismo (DELEUZE, Gilles, 1964, p. 71 [tr. p. 57]). Assim, a investigação sobre a memória involuntária proustiana operada pelo filósofo passa por duas questões: 1. De que modo a reminiscência ultrapassa os mecanismos de associação? 2. Qual a relação efetiva dessa memória com esses mecanismos? Essas questões oriundas do ‘feito’ involuntário ultrapassam o associacionismo na medida em que são relacionadas à intensa alegria de ter vivido uma sensação passada nunca vivida, mas, paradoxalmente, destacada da memória. Sob esta perspectiva, poderíamos perguntar, o que afinal corresponde a imensa alegria de Marcel ter reencontrado Combray? Para Deleuze, a investigação deve passar pela memória voluntária (por isso, a relevância do associacionismo), já que ela vai de um “presente atual para um presente que foi, isto é, a algo que foi presente e não é mais” (DELEUZE, Gilles, 1964, p. 72 [tr. p. 58]). A memória voluntária, segundo o filósofo, pode ser compreendida do seguinte modo: o atual presente faz ressurgir o presente que passou. Esta fórmula aparentemente simples se efetiva na memória de maneira mais complexa, pois este passado da memória voluntária é relativo ao presente de duas maneiras: em relação ao presente (que a evocou) e agora é passado, e em relação ao presente que foi (aquele que foi evocado). Para Deleuze, essa relação permanente e indistinta comprova a ação do tempo<sup>6</sup>.

Não obstante, a memória voluntária guarda apenas uma relação que se realiza por instantâneos com o passado; por isso, algo de essencial a escapa: “o ser em si do passado”

<sup>6</sup> Cf. Idem, p. 73, tr. p. 58. Podemos aqui recorrer ao *Bergsonismo* onde, dois anos depois de *Proust e os Signos*, Deleuze irá desenvolver, a propósito do filósofo da duração a hipótese de que o passado nunca foi, ele sempre é. Cf. op. cit. p. 42.

(DELEUZE, Gilles, 1964, p. 72, [tr. p. 58]), como se ela congelasse o presente que agora passou, sem que nada alterasse nem no essencial nem no ordinário de sua composição. Todavia, ao invés deste presente antigo ficar perdido no passado coexistiria com o presente sempre que necessário para efeito e desenvolvimento de uma ação no presente atual. Nestes termos, a tese da coexistência do passado com o presente é o que anima Deleuze para aproximação entre Bergson e Proust. Portanto, é no nível da memória e não da duração que devemos procurar o encontro entre tais pensamentos. (Cf. Idem, ibidem, p. 73, [tr. p. 58]). E posta a coexistência do passado com o presente, como salvar para nós o passado que se conserva em si? A memória involuntária oferece a abertura para uma resposta.

A memória involuntária, sob avaliação de Deleuze, compreende a seguinte estrutura: a memória involuntária esta assentada entre duas sensações que se estendem por uma duração comum a ela, “comum a dois momentos, o atual e o antigo” (DELEUZE, Gilles, 1964, p. 74 [tr. p. 59]). Deleuze acredita que na semelhança entre tais sensações uma identidade é comungada, mas que, entretanto, não se reduz a uma identidade convencional. Portanto, esta é uma identidade que foge do mesmo e da semelhança. A identidade de Proust contem algo de diferente (Idem, p. 75 [tr. p. 60]). A sensação que evoca a memória involuntária por meio do signo sensível não se relaciona com a associação da sensação comum, já conhecida, e previsível para a consciência, mas se relaciona com outra sensação e outro momento (DELEUZE, Gilles, 1964, p. 75 [tr. p. 60]). Por isso, a madelaine não se limita a associação da sensação gustativa de um bolinho doce, ela se associa à Combray.<sup>7</sup> Além do imbricamento de dois momentos ou duas sensações a memória involuntária possui uma outra característica, a saber, a interiorização da relação entre esses dois momentos ou sensações. Isso significa que a madelaine preserva uma relação exterior com Combray, afinal, de uma perspectiva gustativa ela se relaciona apenas com suas características qualitativas próprias, que a constituem enquanto um agradável bolinho doce. Além disso, Combray ganha contornos próprios na experiência perceptiva realizada na infância do narrador. Essa exterioridade deve ser preservada para que cada registro perceptivo possa equacionar certa estabilidade sensorial, conquista de um certo conjunto útil, se quisermos entender essa formula com Bergson<sup>8</sup>. Os dois momentos do presente atual, um que degusta a *madeleine* e outro vivido em Combray, se misturam à sensação gustativa do agradável bolinho doce, sem que haja uma predeterminação sensorial. Vemos então as referências da percepção e da lembrança voluntárias orquestrarem uma estranha harmonia; um mesmo plano de memória, em que as conjunções dos momentos e sensações são interiorizadas e propiciam a efetividade de um novo presente, nunca antes vivido.

Deleuze diz que o importante dessa relação tornada interior (não em relação ao narrador, mas aos próprios elementos em jogo na memória, que antes eram exteriores) está na preservação da diferença, na relação de uma sensação com o objeto diferente que não corresponde a ela habitualmente. Assim dirá o filósofo “O essencial na memória involuntária não é a semelhança, nem a identidade que são passadas de condições. O essencial, é a diferença interiorizada, tornada imanente” (DELEUZE, 1964, p. 75 [tr. p. 60]). Imediatamente, somos conduzidos aos contornos precisos que tal ideia ganha na

---

<sup>7</sup> Em *Diferença e Repetição*, Deleuze apresentará no capítulo em que se dedica à investigação da *Imagem do Pensamento* o uso discordante das faculdades engendrada pelos dados do sensível. Poderíamos sugerir aqui que a faculdade gustativa dispara uma associação imprevisível com a faculdade da memória involuntária. Podemos ainda considerar, com Deleuze, que toda faculdade possui duas características: a voluntária e involuntária, e a memória involuntária oferece algo que está fora da consciência, no tempo. Cf. op. cit. p. 203.

<sup>8</sup> Bergson, irá desenvolver no primeiro capítulo de *Matéria e Memória* o tema da consciência como formuladora do conjunto útil pela qual se desenvolve a ação pragmática.

construção da filosofia da diferença em Deleuze; o notável de *Proust e os Signos* é fazer da diferença algo imanente e não arbitrariamente introduzido por uma relação de identidade em que a sensação deve corresponder a uma dada qualidade imutável. Entretanto, a diferença parece se efetivar como uma impermanência no sensível, no presente atual. Sua existência, neste caso, é dependente da interiorização das relações entre os momentos e sensações, tornada atual pela memória involuntária, evanescente, por excelência.

Eis que a memória involuntária recebe uma outra tarefa além daquela que a faz evocar os signos sensíveis, como acabamos de apresentar; seu papel também é tornar atual a abertura de um aspecto outro do real, que poderia nunca ser atualizado sem sua ação. Aquele ‘antes nunca vivido’ de que falávamos é a atualização dessa recombinação dos momentos e sensações que são reais, mas não foram atualizados. Por isso, diz Deleuze, o narrador tem o privilégio de viver outra Combray que nunca foi um presente antigo, mas que ao mesmo tempo nunca deixou de ser real: “Combray surge num passado puro, coexistente com os dois presentes, mas fora de suas capturas, fora da expectativa da memória voluntária atual e da antiga percepção consciente [...]” (DELEUZE, Gilles, 1964, p. 76 [tr. p. 61]). Ora, mas o que significa dizer que algo escapa à memória voluntária e mesmo assim é possível de se realizar? Podemos ensaiar uma resposta com Deleuze ao dizer que a memória involuntária tem contato com uma matéria que a memória voluntária não pode ter, a saber, o “tempo em estado puro”. A memória involuntária tem contato com conceitos que a consciência não pode acessar, seja porque sua ação se limita a conjugar as relações entre momentos e sensações a fim de preservar sua identidade e semelhança, seja porque o *ser em si do passado* é também um fora da consciência. Reconhecer este passado “mais profundo que todo o passado que passou” (Idem, p. 76 [tr. p. 61]) é admitir a coexistência dos tipos de memória, àquela presente no estímulo psicomotor com aquela presente na evanescente memória involuntária. Deleuze enfrenta esta questão em *O Bergsonismo*, onde ao reconhecer a confluência entre os níveis da memória – que vai do presente atual aos presentes antigos –, privilegia o caráter “inativo” daquela memória que preserva o passado:

“Inútil e inativo, impassível, ele (o passado) É, no sentido pleno da palavra ele se confunde com o ser em si. Não se trata de dizer que ele ‘era’ pois ele é em-si do ser e a forma sob qual o ser se conserva em si (por oposição ao presente, que é a forma sob a qual o ser se consome e se põe fora de si). No limite, as determinações ordinárias se intercambiam: é do presente que é preciso dizer a cada instante, que ele era e do passado é preciso dizer que ele é, que ele é eternamente o tempo todo.” (DELEUZE, 1999, p. 42)

Podemos extrair desta passagem a compreensão da conservação do passado no presente desenvolvida em *Matéria e Memória*. Isso especialmente se nos concentramos nos capítulos centrais onde Bergson afirma a memória a partir de dois contínuos, aquele que conserva o passado e aquele que se atualiza no presente da percepção. De acordo com Bergson, a lembrança para qualquer um desses sentidos da memória é alçada como uma espécie de porta-voz do passado. Isso pode oferecer uma certa consistência a nossa hipótese sobre a autoridade da memória bergsoniana para reforçar o investimento proustiano da memória involuntária. Por isso a lembrança considerada desta maneira faz da memória involuntária um portador inesperado que carrega consigo um signo igualmente imprevisível. Lembrança esta cujos traços analisaremos na lembrança pura.

## 2. A lembrança pura em *Matéria e Memória*

Analisaremos a análise das proposições bergsonianas a partir da crítica ao associacionismo exposta no final do segundo capítulo de *Matéria e Memória*. Este modelo

corrente na psicologia estudada pelo filósofo preserva a ideia de que os órgãos do sentido são depositórios das lembranças. No decorrer deste capítulo, o filósofo comprova a existência de duas formas de memória<sup>9</sup>: uma que existe pelo hábito e é acionada pelo corpo; e a outra decorrente das lembranças independentes, evocadas fora do hábito e do estímulo corporal. Com efeito, a realização dessas memórias é garantida pelo desempenho da lembrança-hábito, no primeiro caso, e de lembrança espontânea, no segundo (BERGSON, Henri, 2010, p. 91, [tr. 94]) que será importante para o filósofo admitir a existência da lembrança pura. A distinção destes dois tipos de memória será essencial para Bergson por dois motivos: 1. estabelecer um contraponto diante das teses da psicofisiologia que defendem a atuação da memória pelo mecanismo associacionista; e 2. para considerar uma via da memória fora dos órgãos do sentido. São memórias que seguem em direções opostas, diz o filósofo (Cf. BERGSON, Henri, 2010, pp. 83-90 [tr.85-92]).

O segundo motivo que reconhece uma via da memória fora dos órgãos do sentido será nosso ponto de partida para nos aproximarmos da memória que Deleuze reconhece em Proust. Não podemos nos furtar deste breve esclarecimento das tarefas empíricas de Bergson assentadas na crítica ao associacionismo, por onde se sustentam esta asserção sobre a memória destituída das obrigações do império sensório-motor. A partir daqui a memória involuntária de Proust poderá ser exposta lado a lado do que Bergson definiu como lembrança pura.

Em tempo, seria preciso apresentar, ao menos de maneira geral, de que modo a questão da memória foi precedida pelo estudo da percepção, que ocupa o primeiro capítulo de *Matéria e Memória*. A principal tese defendida por Bergson confere à percepção uma função necessariamente ligada à ação presente. Neste sentido, a percepção estaria absolutamente atrelada ao hábito e à memória voluntária. Em outras palavras, a percepção atua em função da nossa ação sobre as coisas, e para Bergson compõe nossa representação sobre a matéria e funciona como “a medida de nossa ação possível sobre os corpos; ela [a representação sobre a matéria] resulta da eliminação daquilo que não interessa nossas necessidades e, de maneira geral, nossas funções [...]” (BERGSON, Henri, 2010, p. 35, [tr. p. 36]).

Todavia, a memória seria inseparável da percepção, mesmo se considerarmos o nível mais pragmático da percepção, aquele dos hábitos. Neste sentido, considerar a percepção imbuída de memória é uma noção importante para reconhecermos que os dados do sensível (se quisermos, os signos sensíveis) guardam uma relação intrínseca com a memória.

A despeito da trama empírico-conceitual que parece levar Bergson aos limites da memória enquanto uma faculdade que se adensa tanto na ação quanto na especulação, limitaremos<sup>10</sup> nossa investigação ao surgimento e atualização da lembrança pura, presente especialmente no terceiro capítulo da referida obra. O que nos interessa ali é acompanhar “por qual progresso contínuo o passado tende a reconquistar sua influência perdida se atualizando” (BERGSON, Henri, 2010, p. 146 [tr. p. 153]).

---

<sup>9</sup> Esta hipótese é comprovada por Bergson a partir da experiência de decorar uma lição, um verso. Essa experiência mostra como o hábito pode construir a lembrança que não será mais um automatismo. Existiriam duas formas da memória: uma lição quando recortada precisou de repetidas leituras para que se faça sabida. O ato de retomada da leitura acarreta tanto num melhor entendimento da lição já sabida (isso sucede da ação, do automatismo da função cerebral), quanto a uma leitura que basta ‘*absolutamente a si mesma... e constitui um momento irreduzível na história*’; então a lição decorada pode ser automática, dependente de uma ação ou bastar a si mesma. Cf. BERGSON, 2010, pp. 83-85 [tr. pp. 85-87].

<sup>10</sup> Cf. *Bergson ou dois sentidos da Vida*, trabalho realizado por Frederic Worms que permite uma leitura de *Matéria e Memória* a partir de uma análise do conjunto da obra de Bergson. Op. cit, pp. 123-133

A primeira medida da investigação bergsoniana é se distanciar das teses associacionistas pelas quais a evocação de uma lembrança seria tributária dos mesmos princípios que regem a percepção. Ou seja, o associacionismo considera haver tão somente uma diferença de grau entre a lembrança e a percepção. O que Bergson quer é justamente o contrário; será preciso reconhecer uma diferença de natureza entre a lembrança e a percepção. Ora, afirmar a diferença de natureza entre a percepção e a lembrança é admitir que entre o presente e o passado não existe apenas um intervalo espaço-temporal. De outro modo, o presente dura apenas para a consciência atual, equacionada pela percepção presente, ligada a um padrão sensório motor. Já o passado, enquanto sustentado pelas lembranças puras, não possui equivalentes na representação do presente atual da percepção. Em suma, o passado não substitui o presente, mas coexiste com ele. Desta constatação, Bergson oferece uma hipótese bem aventurada pela qual ensaia uma definição perturbadora do passado. O filósofo empreende o passado como aquilo que o constitui em sua virtualidade, impotente diante da consciência e inextensivo diante da percepção. Isto é, a lembrança pura não age sobre o presente a não ser que um ato de consciência venha acionar sua evocação, geralmente para atender a percepção no presente. Bergson garante a qualidade inativa da lembrança a partir da constatação do império da percepção sobre nossa ação no tempo, que confunde a duração com a extensão temporal vivida pela percepção, erigida pelos estímulos sensório-motores. Podemos esclarecer com o filósofo:

meu presente consiste num sistema combinado de sensações e movimentos. Meu presente é, por excelência, sensório-motor. Equivale a dizer que meu presente consiste na consciência que tenho de meu corpo. Estendido no espaço, meu corpo experimenta sensações e ao mesmo tempo executa movimentos. [...] Se a matéria, enquanto extensão no espaço, deve ser definida, em nossa opinião, como um presente que não cessa de recomeçar, nosso presente inversamente, é a própria materialidade de nossa existência, ou seja, um conjunto de sensações e de movimentos, nada mais. (BERGSON, Henri, 2010, pp.153-154, [tr. pp. 162-163])

A diferença de natureza entre lembrança e percepção se completa na medida em que Bergson projeta a lembrança pura na inextensividade do virtual, inútil e fora da consciência. Todavia, Bergson admite a presença da lembrança no presente da percepção. Isso acontece, porque a lembrança é envolvida pelo movimento de evocação, que tende a materializá-la engendrando sensações. (Cf. BERGSON, Henri, 2010, p.155 [tr. p. 163]). Portanto, é preciso assegurar a participação da lembrança no presente da percepção: “É justamente porque a terei tornado ativa que ela irá se tornar atual, isto é, a sensação capaz de provocar movimentos”, diz Bergson (Idem, p.155 [tr. 163]).

Todavia, a lembrança pura não pode se reduzir ao movimento de atualização que a torna presente. Ela deve ser independente e garantir sua existência fora da utilidade que controla a percepção e o movimento das sensações. Imagine se nosso passado se reduzisse ao que dele podemos aproveitar na sucessão utilitária na qual estamos imersos? Seria o mesmo que admitir que a percepção determina a existência de si, de modo que o que garante a existência de algo é a percepção que se faz dele. É justamente esta noção que Bergson quer abandonar liberando a lembrança pura da dependência da percepção e do presente. O passado que sobrevive em si, como vimos em *O Bergsonismo*, é o que garante a lembrança pura a possibilidade de sua atualização transitar por outros caminhos que não aquele que leva a atualizar-se nas imagens ao aproximar-se dos estímulos sensório-motores da percepção. Vejamos com mais cuidado:

Meu presente é (...) efetivamente sensório motor. De meu passado, apenas torna-se imagem, e portanto sensação aos menos nascente,

o que é capaz de colaborar com essa ação, de inserir-se nessa atitude, em uma palavra de torna-se útil; mas, tão logo se transforma em imagem, o passado deixa o estado de lembrança pura e se confunde com uma certa parte de meu presente. A lembrança atualizada em imagem difere assim profundamente dessa lembrança pura. A imagem é um estado presente, e só pode participar do passado através da lembrança da qual ela saiu. A lembrança, ao contrário, impotente enquanto permanece inútil, não se mistura com a sensação e não se vincula ao presente, sendo portanto inextensiva.” (BERGSON, Henri, 2010, p. 156 [tr. p. 164]).

É importante destacar aqui a independência da lembrança pura em relação ao presente. Importante também é destacar o cuidado de Bergson ao distinguir a imagem extraída da lembrança pura quando ao se transportar para consciência passa a fazer parte da composição do conjunto útil, colocado em movimento pelo presente da percepção. Isso acontece porque a percepção oferece sua materialidade de sensação e movimentos impressa no presente atual, para que a lembrança pura possa se encarnar, como diz Bergson. (BERGSON, Henri, 2010, p. 147 [tr. p. 156]). É assim que a consciência analisa o movimento da memória sobre o qual ela mesma trabalha. Ou seja, a retomada de uma lembrança pela consciência depende de um ato *sui generis*, diz o filósofo, em que abandonamos o presente para instalarmo-nos no passado, como um salto; o salto da memória que nos fala Deleuze (Cf. DELEUZE, Gilles, 1999, p. 43). Mas esse salto não nos coloca diretamente em contato com a exata lembrança que fomos impelidos a procurar. A memória instala-se primeiramente num passado geral, para só depois delimitar-se numa região do passado. Não sem motivo, Bergson compara este trabalho da consciência ao trabalho de busca do foco numa máquina fotográfica, pois o foco nada mais representa que imagem extraída da lembrança pura que agora deve representar a si mesma com uma imagem que será encarnada pela percepção, e cujos movimentos sugerem pouco a pouco uma sensação (Cf. BERGSON, Henri, 2010, p. 148, [tr. 156]).

Este movimento da memória deve ser bem compreendido, pois trata-se de nos aproximarmos de nossa hipótese de atuação da memória involuntária proustiana como um possível ‘desvio’ no movimento de atualização da lembrança de traços bergsonianos. Antes disso, vemos nas palavras de Bergson os limites dessa atualização:

[...] nossa lembrança permanece [...] em estado virtual; dispomo-nos simplesmente a recebê-la adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco aparece como que uma nebulosidade que se condensasse; de virtual ela passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos se desenham e sua superfície se colore, ela tende a imitar a percepção. Mas continua presa ao passado por suas raízes profundas [...]. (BERGSON, Henri, 2010, p. 148, [tr. 156])

Esta passagem presente no início do terceiro capítulo seria confirmada pela constatação da falibilidade do associacionismo ao reduzir a existência da lembrança ao que exige a percepção, como vimos acima. Contudo, o que nos interessa dessa prova do movimento da memória tal como Bergson a entende é, em primeiro lugar, aproximá-la do percurso da memória involuntária proustiana investigada por Deleuze que tentamos brevemente apresentar no início deste texto, e de onde retornaremos para encaminhar considerações finais.

É claro que os dois ‘modelos’ diferem em si sob muitos aspectos. O mais evidente são as tarefas que se prestam cada conteúdo. Primeiro porque, se Deleuze usa o modelo proustiano da memória involuntária não o faz ao custo de escamotear a literatura. Ao contrário, a literatura deve acompanhar cada passo da investida filosófica. Neste caso, o



que Deleuze parece extrair de *Em Busca* é o próprio pensamento de Proust se fazendo. Já o modelo bergsoniano de *Matéria e Memória* debruça-se sobre os problemas da psicofisiologia, avançando numa crítica à psicologia e as teorias do conhecimento tributárias a ela. Muito embora, o que vimos do breve recorte que fizemos parece se tratar menos de uma superação da psicofisiologia, do que da condução da memória por veredas filosóficas. Entretanto, mesmo com essas distâncias iniciais talvez pudéssemos colocar os modelos lado a lado não para encontrar semelhanças identitárias ou comunhão possível. Em face da sugestão de Deleuze em aproximar Bergson e Proust a partir do problema da memória apontamos que pudemos identificar.

Podéríamos começar pela valorização do papel da percepção. Para ambos a percepção representa o primeiro acesso aos movimentos da memória. Tanto para Bergson quanto para Deleuze a percepção, ainda que condicionada a reações sensorio-motora ou aos estímulos dos signos sensíveis, se torna uma peça chave pela qual irá irromper o trajeto rumo a memória. Poderíamos acrescentar também que o comum deste primeiro aspecto é a restituição do corpo ou da matéria (caso se queira valorizar a atmosfera bergsoniana), diante da compreensão de um tema próprio da vida que é a memória.

Numa outra extremidade equidistante dos modelos ainda encontraríamos um motivo que sugere ao menos a mesma preocupação: o retorno ao tempo. O passado que subsiste ao movimento de atualização da lembrança escapa a consciência. O que significa dizer que o passado proustiano representa o tempo em estado puro, pelo qual se desenha o plano das inúmeras lembranças do narrador, mas não apenas. As lembranças dos personagens se coadunam num todo indiscernível que parece compor a memória de todos os volumes. Já em seu modelo Bergson insiste no caráter não psicológico do passado. As lembranças puras da memória bergsoniana compõem-se na virtualidade e no tempo.

Para além dessas evidências os dois modelos seguem à distância por demais longínquas para nosso breve texto, como aquela que ordenaria por parte de Bergson a afirmação da lembrança pura sob a égide do inconsciente. Talvez, nos reste compreender que os movimentos da memória oferecem uma brecha por onde escapam as regras do modelo associacionista regido pela semelhança e identidade entre a percepção e lembrança. O involuntário apareceria para o associacionismo como um elemento indesejado a desestabilizar as regras do modelo. Em *Matéria e Memória*, ainda que o tema da memória involuntária não figure no recorte que estudamos<sup>11</sup>, o reconhecimento da lembrança pura que escapa ao padrão sensorio-motor representa a abertura necessária para admitir que o passado possa reconquistar a influência sobre o presente a partir de sua atualização. Enfim, Em *Proust e os Signos* a valorização do involuntário torna-se evidente quando o próprio Deleuze reconhece que “a busca da verdade é uma aventura do involuntário” (DELEUZE, Gilles, p. 116 [tr. p. 94]). Neste sentido, o episódio da madelaine representa o desvio necessário que livra o narrador de estar condenado à percepção habitual que faria do episódio uma fastidiosa cena romanesca.

## Referências

- BERGSON, Henri. *Matéria et Mémoire*. Paris: PUF, collection Quadrige, 2010. Tr. Paulo Neves São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Tr. Luiz Orlandi São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988, tr. Br. Luiz Orlandi e Roberto Machado.

---

<sup>11</sup> A discussão que mais se aproximaria da temática do involuntário em *Matéria e Memória* encontra-se na referência feita ao *déjà vu*. Cf. op. cit., pp 97-98, tr. 100 - 102

- \_\_\_\_\_. *Proust e les Signes*. Paris: PUF, 1964. Tr. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Entre sonho e vigília: quem sou eu?* in *No caminho de Swann*. São Paulo: Globo, 2006.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Bergson, Proust tensões do tempo* in *Tempo e História*. (org. Aduino Novais). São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tr. Mario Quintana. São Paulo: Globo, 2006.
- PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Tr. Fernando Py. São Paulo: Globo, 1992.
- WORMS, Frederic. *Bergson ou dois sentidos da vida*. São Paulo: Ed. Unifesp, 2010. \_\_\_\_\_ . *Le vocabulaire de Bergson*. Paris: Ellipses: 2000.
- \_\_\_\_\_. *Introducion à Matière et Mémoire*. Paris: PUF, 1997.